

Os problemas aqui levantados têm interesse para a história da classe operária e do Partido Comunista do Brasil (PC). Tais problemas estão muito acima de quaisquer considerações pessoais.

Octavio Brandão

COMBATES DA CLASSE OPERÁRIA

OS DESBRAVADORES.

O Partido Comunista do Brasil, em 1922-1929, teve muitas debilidades políticas e ideológicas. Apesar

de tudo, realizou uma obra de pioneiro, batador, abridor de picadas. É uma de suas glórias!

O trabalho dos pioneiros e desbravadores é, em geral, tóxico. Daí ser tão malsinado por certos indivíduos que só aderiram ao movimento revolucionário muitos anos depois. Ficaram tranqüilamente, a esperar a hora da maré enchente...

OS OBSTÁCULOS. Foram inúmeros os obstáculos e as dificuldades do Partido Comunista do Brasil, em 1922-1929.

A situação internacional teve, então, certas características. Quais? O refluxo da grande vaga da revolução mundial. A implantação do fascismo na Itália, em 1922. A estabilização relativa do capitalismo, seu reforçamento, embora parcial, instável e temporário, em 1923-1929.

A situação nacional teve, então, certas características. Quais? O Brasil era e ainda é um País semicolonial e semifeudal. Tinha apenas uns 300 mil operários industriais, aí por 1922. O movimento operário e popular de 1917-1920 estava esfacelado em 1921. Os sindicatos, desorganizados. Os revoltosos pequeno-burgueses desencadearam a insurreição armada de Copacabana em 1922 e a de São Paulo em 1924, mas foram vencidos. Estabeleceu-se a tirania dos governos reacionários de Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luís. O Brasil suportou 4 longos anos de estado de sítio.

O Partido Comunista teve de começar pelo começo, pois não existia nenhuma tradição marxista. Afrontou dura ilegalidade. Foi implacavelmente perseguido.

Dura tarefa — criar o Partido Comunista em tais condições!

A PRIMEIRA ETAPA — OS PRIMEIROS PASSOS. A História do Partido Comunista do Brasil desenvolve-se através de uma série de etapas. Procuremos fazer um pequeno resumo de duas delas.

A Primeira Etapa da História do PC estende-se desde o seu nascimento, a 25 de março de 1922, até a primeira metade de 1924.

O PC nasceu sob a influência da revolução socialista de outubro de 1917 na Rússia e dos ensinamentos da primeira grande vaga de greves operárias e movimentos populares no Brasil de 1917 a 1920.

O PC teve, então, muitas falhas e debilidades. Mas, guiado pela Internacional Comunista, realizou uma obra importante nessa Primeira Etapa do seu desenvolvimento.

Pela primeira vez em toda a História do Brasil, o PC fez propaganda dos princípios imortais de Marx, Engels e Lênin (os trabalhos de Stálin só chegaram ao Brasil posteriormente). Publicou em 1923 no jornal "Voz Cosmopolita" do Rio de Janeiro e em 1924 sob a forma de folheto em Pôrto Alegre, pela primeira vez no Brasil, o extraordinário *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. Desfraldou a bandeira grandiosa do internacionalismo proletário revolucionário. Defendeu a grande revolução socialista da Rússia. Começou a penetrar nos sindicatos operários. Lutou contra a reação política e a repressão policial dos governos de Epitácio Pessoa e Artur Bernardes. Realizou seu 1.º Congresso. Atacou duramente o anarquismo e o anarco-sindicalismo. Derrotou-os no movimento operário.

Infelizmente, o Partido Comunista do Brasil, nesta Primeira Etapa, teve o desenvolvimento dificultado por uma linha política de "esquerda". Preconizou a luta pela *ditadura do proletariado* como a tarefa imediata para o Brasil semicolonial e semifeudal de 1922-1924. Daí, erros graves, de caráter "esquerdista", sectarista. O Partido Comunista era, então, de fato, *uma pequena seita*.

A SEGUNDA ETAPA — A PRIMEIRA ASCENSÃO. A Segunda Etapa da História do Partido Comunista do Brasil estende-se desde a segunda metade de 1924 até a primeira metade de 1929.

O Partido Comunista, nesta Segunda Etapa, teve muitas falhas e debilidades. Mas guiado pela Internacional Comunista, inspirado nos livros de Marx, Engels e Lênin, continuou sua marcha gloriosa. *Foi às massas trabalhadoras*. Resistiu aos estados de sítio. Afrontou intrêpidamente todas as perseguições. Defendeu heróicamente a Pátria e a Humanidade. Começou a estudar a realidade brasileira, a pesquisar os problemas sociais e nacionais, e a buscar o caminho da libertação do povo brasileiro.

Pela primeira vez em toda a História do Brasil, os comunistas caracterizaram o imperialismo como a dominação do capital monopolista e financeiro. Denunciaram sua penetração no País. Apontaram-no como o inimigo principal. Mobilizaram contra êle milhares de trabalhadores. Chamaram todo o povo brasileiro à luta mortal contra o imperialismo!

Nesta Segunda Etapa, o Partido Comunista abandonou, de fato, a palavra de ordem de *ditadura do proletariado*, como tarefa imediata. Levou as idéias de Marx, Engels e Lênin aos sindicatos, fábricas, oficinas e bairros operários do Rio de Janeiro. Procurou popularizar as realizações da União Soviética. Sustentou o movimento nacional-libertador dos paí-

ses coloniais e dependentes. Realizou o 2.º e o 3.º Congressos.

O Partido Comunista fundou em 1925, sob o estado de sítio, o jornal legal de massas "A Classe Operária". Conquistou vitórias nos sindicatos. Fundou a federação sindical do Rio de Janeiro em 1927 e a confederação em 1929. Realizou grandes comícios do 1.º de Maio. Dirigiu greves de massas. Realizou, pela primeira vez no Brasil, a sublime *fraternização* dos soldados com os operários, no Rio de Janeiro, na Praça Mauá, a 25 de maio de 1929. Começou a penetrar no seio dos camponeses — no interior de São Paulo. Criou o Bloco Operário e Camponês, organização de massas. Elegeu em 1928, pela primeira vez no Brasil, dois intendentos (vereadores), sendo um operário e o outro intelectual. Orientou-se no sentido de uma aliança com os revoltosos pequeno-burgueses de 1922-1927, de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes.

Infelizmente, nesta Segunda Etapa, o Partido Comunista cometeu desvios de direita. Não superou definitivamente os desvios de "esquerda". Apesar de todos os esforços, não conseguiu compreender claramente o caráter da revolução no Brasil. Nem suas etapas. Nem suas forças motrizes. *Subestimou* a importância dos camponeses. *Superestimou* a importância dos revoltosos pequeno-burgueses. Daí, erros de direita.

Tais as duas etapas iniciais do Partido Comunista do Brasil, num pequeno resumo.

UM MILITANTE COMUNISTA. O camarada Astrojildo Pereira prestou serviço à classe operária. Foi um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. Organizou Congressos do PC. Defendeu a União Soviética. Traduziu e publicou muitos artigos sobre o movimento operário internacional. Foi um dos dirigentes do jornal "A Classe Operária" e do Bloco Operário e Camponês.

São serviços importantes.

UM NÓVO LIVRO. O camarada Astrojildo Pereira acaba de publicar o livro *Formação do PCB*. Comemora, assim, 50 anos de sua atividade jornalística e 40 anos de existência do Partido Comunista do Brasil.

Esta obra do camarada Astrojildo tem lados positivos. Presta informações sobre o PC em 1922-1928. Fornece notícias sobre os três Congressos realizados. Publica documentos e fotografias da época. Reconhece que o PC era, então, formado por "gente pobre, obscura, tolhida por mil dificuldades". Contribui para destruir mentiras segundo as quais "o PC nada fez" e "o Bloco Operário e Camponês não passava de um grupelho atolado no pântano do oportunismo".

A brochura mencionada acentua a propósito:

O Bloco Operário e Camponês conquistou "a grande vitória de outubro de 1928, quando elegemos dois intendentos comunistas" — página 101. O BOC era

uma organização legal de massas nas cidades, e como tal devemos reconhecer que realizou trabalho meritório" — página 126. O BOC "desempenhou importante papel na vida do Partido, contribuindo em medida considerável para elevar a consciência de classe do proletariado brasileiro" — páginas 103 e 104.

AS FALHAS. O livro *Formação do PCB* precisa ser totalmente refundido. Por quê?

Não tem espírito combativo. Parece um documento *academista*. Não descreve e, muito menos, analisa as lutas travadas. Não faz análise crítica. Abstrai-se dos combates e dos combatentes. Está cheio de omissões. Silencia a verdade histórica em vários casos. Não faz justiça histórica. Assinala, à página 9, que submeteu o material recolhido a cuidadosa revisão". Tanto pior. Cometeu tantas omissões!

EM 1929-1930. A brochura *Formação do PCB* pára em 1928. Silencia os acontecimentos políticos de 1929-1930. Silencia a linha política do PC em 1930, que acarretou tão graves consequências. Por que silencia?

O ano de 1928 foi importante. Mas não marcou linha divisória de espécie alguma. A ascensão do PC continuou até meados de 1929. Sua linha política não mudou, no fundamental. Sua direção, também. Por que, então, o livro termina em 1928?

Portanto, o limite traçado pelo autor não tem conteúdo político concreto. É artificial. Quando muito, é meramente cronológico!

EM 1929-1934. Na segunda metade de 1929, o Partido Comunista do Brasil foi entrando em nova etapa. Tornou-se vítima de uma reação brutal. Desorganizou-se. Começou a seguir uma linha política mais e mais "esquerdista". Tal linha culminou, em 1930-1934, com a palavra de ordem de Revolução Soviética imediata. O Partido Comunista esfacelou-se. Sofreu, então, uma verdadeira catástrofe!

OS COMBATES. Além das lutas que aqui já foram mencionadas, o Partido Comunista do Brasil, em 1922-1929, travou muitas outras. Quais?

Desmascarou e liquidou, em 1924, a Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira. Era uma arapuca de Sarandy Raposo — charlatão reformista que aspirava a receber uma verba do governo de Bernardes e, por isto, o apoiava.

O PC atacou violentamente e desmascarou Albert Thomas. Era um reformista apodrecido, social-traidor. Veio ao Brasil em 1925, a fim de atrair o movimento operário para o Burô Internacional do Trabalho, de Genebra.

O PC combateu e liquidou, em 1926-1927, o Partido Socialista, dirigido por Agripino Nazareth. Era um reformista corrompido, joguete do grande bur-

guês Geraldo Rocha, então instrumento dos trustes norte-americanos.

Os militantes comunistas foram às fábricas, oficinas e bairros operários. Aí, interrogaram diretamente os próprios trabalhadores. Sobre esta base, formularam as reivindicações imediatas locais e desenvolveram as lutas.

O PC dirigiu a luta dos trabalhadores em padarias, pelo repouso semanal, em 1924. Defendeu a lei de férias para os trabalhadores.

Desmascarou e esfacelou, em 1926, a chamada Frente Única Multicor. Era um bloco de elementos diversos. Quais? Os brancos, os amarelos, os róseos e os rabanetes.

Os brancos eram os capitalistas como Libânio da Rocha Vaz e os policiais como o Coronel Bandeira de Melo. Os amarelos — os pelegos — eram os líderes sindicais como Luís Oliveira. Os róseos eram os “socialistas” como Agripino Nazareth. E os rabanetes — vermelhos por fora e brancos por dentro — eram os ex-anarquistas como Carlos Dias. Uniram-se todos contra o Partido Comunista. Pretendiam apossar-se do movimento operário, político e sindical. Mas foram completamente derrotados!

O PC isolou e liquidou politicamente um grande número de adversários. Quais? O amarelo e policial José Pereira de Oliveira, presidente do sindicato dos tecelões. O amarelo e policial Amaro de Araújo, dirigente do sindicato dos metalúrgicos. O anarquista Carlos Dias, que se transformou em amarelo e reformista. E muitos outros.

O PC, em 1928, derrotou e reduziu a uma seita insignificante, o Partido Trabalhista, triste secção da 2.^a Internacional, traidora do proletariado!

Dirigiu, em 1929, a greve dos operários gráficos de São Paulo. A resistência dos patrões foi longa e encarniçada. Mas os operários triunfaram!

No Rio de Janeiro, à Praça Mauá, a 25 de maio de 1929, sob a direção do Partido Comunista, os trabalhadores realizaram um grande comício de solidariedade com a greve dos gráficos de São Paulo. Os soldados receberam a ordem de atirar no povo. Mas *fraternizaram* com os operários. E, assim, foi evitado o horrível massacre!

* * *

O camarada Astrojildo Pereira, em seu livro *Formação do PCB*, não tem sequer uma linha sobre essas e outras lutas. Por que silencia tantas páginas gloriosas da História do Partido Comunista do Brasil? Por que oculta a verdade histórica? Como compreender tamanha conspiração do silêncio?

O PC travou muitos outros combates. Em 1924, dirigiu a peleja encarniçada pela libertação do grevista José Leandro, condenado a 30 anos de cadeia. Foi uma peleja direta contra a máquina da polícia.

O camarada Astrojildo subestima esses duros combates. Só dedica *4 linhas*, de passagem, à luta do Partido Comunista pela libertação de José Leandro. Como explicar tamanha subestimação?

Luís Oliveira era um dirigente do sindicato dos estivadores. Amarelo, isto é, pelego. Apoiado por todo um bloco de dirigentes sindicais amarelos. Intendente, isto é, vereador. Dizia ser operário, eleito pelos operários...

O Partido Comunista desmascarou Luís Oliveira. Provou que fôra eleito pela polícia, com os votos dos policiais, por ordem do Marechal Fontoura, o chefe da polícia do governo terrorista de Artur Bernardes!

Esta luta do PC teve importância. Reforçou suas posições no movimento sindical. Contribuiu para destruir a Frente Única Multicor — bloco reformista apodrecido que se levantava contra o movimento operário avançado. Limpou o caminho para o nascimento da federação sindical do Rio de Janeiro, em 1927.

Mas, no livro *Formação do PCB*, essa luta só merece uma referência insignificante num velho documento transcrito!

OS OPERÁRIOS. A verdadeira História do Brasil é a história dos operários, camponeses e intelectuais progressistas. É a história das massas populares, dos filhos do povo, da sua vida e lutas. Não é absolutamente a história dos figurões e medalhões.

Homens simples do povo trabalhador tornam-se os autênticos forjadores da História!

Marx dizia sobre os operários: “tôda a beleza do humano se irradia desses rostos endurecidos pelo trabalho”.

O Partido Comunista é o partido da classe operária. É inseparável da luta dos militantes operários. Trata-se de uma questão de princípios!

O Partido Comunista do Brasil forjou tôda uma série de combatentes operários.

Esses operários comunistas bateram-se na primeira linha da batalha. Sofreram inúmeras perseguições. Dedicaram seus esforços à classe operária, ao PC e à grande causa da libertação nacional e social do Brasil. Eis alguns deles:

Minervino de Oliveira, operário marmorista. Velho militante sindical, desde 1911. Intendente (vereador) comunista. Provou a maior bravura, mesmo por entre as balas da polícia, como no comício da Praça Floriano Peixoto, no Rio de Janeiro, a 7 de novembro de 1929, em homenagem à revolução socialista de 1917 na Rússia!

Ferreira da Silva, operário gráfico. Organizador de tipografias clandestinas para o jornal “A Classe Operária”. Descoberto pela polícia, como em 1931, sob o governo de Getúlio Vargas, era surrado barbaramente!

Júlio Kengen, Hermenegildo Figueira e João Borges Mendes, operários tecelões. Militantes sindi-

cais. Três dos melhores pacoteiros e propagandistas de "A Classe Operária", em 1925.

Joaquim Nepomuceno, operário ferroviário. Organizador dos ferroviários nas oficinas da Locomoção, no Engenho de Dentro. Militante infatigável do Bloco Operário e Camponês. Propagandista de "A Classe Operária". Prêso e espancado muitas vezes.

Falcão Paim, operário ferroviário. Militante do Bloco Operário e Camponês. Foi deportado para a Colônia Correcional de Dois Rios, na Ilha Grande. Saiu de lá arrebatado e morreu logo, de um colapso.

João Meneses — o Cunhambebe, operário da construção civil. Militante sindical, em Niterói. Um dos pioneiros do Partido Comunista na cidade e nas usinas açucareiras de Campos, Estado do Rio, em 1926.

Duvitiliano Ramos, operário gráfico. Um dos organizadores do Partido Comunista na cidade e zona de Campos, em 1928-1929.

Eustáquio Marinho, operário da construção civil. Militante sindical. Ex-marinheiro participante da insurreição armada de 1910, contra a chibata. Participante das lutas operárias de 1917-1920.

Romualdo de Andrade, ferroviário. Pacoteiro de "A Classe Operária". Prêso e espancado pela polícia em 1931, sob o governo de Getúlio Vargas.

Pompeu Gagliano, operário metalúrgico. Propagandista de "A Classe Operária" nas oficinas da Ilha de Mocanguê.

Carlos Augusto da Silva — o Lúmin, operário gráfico, posteriormente ferroviário. Propagandista do mesmo jornal, em 1925.

Agenor Marinho, operário electricista. Velho lutador sindical.

Roberto Morena, operário marceneiro. Antigo militante sindical.

Berézim, operário metalúrgico. Combatente sindical.

Estes operários comunistas são falecidos na maioria. Foram muito perseguidos. O inimigo os conhecia de perto, inclusive nas prisões. Nada disto é segredo de Estado...

Mas o camarada Astrojildo Pereira, em seu livro *Formação do PCB*, não dedica sequer uma linha aos militantes operários. Não cita sequer um único operário comunista, mesmo os que faleceram. Esquece suas vidas e suas lutas. Oculta a verdade histórica. Como explicar tamanha conspiração do silêncio?

* * *

A história burguesa, oficial, esconde as lutas dos operários.

Em contraste profundo, a História da Revolução na Rússia e a História do Partido Comunista da União Soviética não esqueceram jamais seus lutadores operários, como o bolchevista Babushkin.

Não esqueceram seus intelectuais como Górkí e tantos outros.

Não esqueceram sequer os operários revolucionários, embora terroristas, como Raltúrin (Kaltúrin).

Não esqueceram nem mesmo os que batalharam honestamente e, depois, se afastaram, sem trair. Brúsniev, por exemplo. Combateu 11 anos em prol do movimento revolucionário. Sofreu 6 anos de prisão. Mais 10 anos de deportação. Ao voltar da Sibéria, retirou-se da luta ativa. Sua biografia vem na Grande Enciclopédia Soviética, tomo 6.º, 2.ª edição.

O camarada Astrojildo Pereira faz o contrário. Silencia até mesmo os combatentes operários que êle conheceu de perto! Pretenderá forjar um Partido Comunista sem os operários? Imaginará a libertação nacional e social sem os operários?

OS TRABALHADORES. O Partido Comunista tem o dever de conquistar não somente os operários, mas também os trabalhadores em geral. É uma questão de princípios!

O Partido Comunista do Brasil transformou muitos trabalhadores em combatentes da classe operária e da libertação do Brasil e da Humanidade. Eis alguns deles, falecidos na maioria:

José Maria de Carvalho, trabalhador em padaria. Militante sindical. Um dos melhores pacoteiros e propagandistas de "A Classe Operária", em 1925.

João Graça, cozinheiro. Militante sindical. Participante de muitas greves e da insurreição armada dos operários no Rio de Janeiro, no Campo de São Cristóvão, em novembro de 1918. Lutador de uma fidelidade a tôda prova, até a morte!

João Valentim Argolo, cozinheiro. Militante sindical. Homem de uma dedicação admirável. Sob o governo de Bernardes, foi metido a bordo de um navio-prisão e chibateado mais de 20 vezes. Mas não denunciou ninguém!

Carlos Vilanova, guarda-livros (contador) e Abelardo Nogueira, posteriormente empregado nos Correios. Pioneiros do PC em Vitória do Espírito Santo.

Guilhermino Leite Nery, motorista, ex-tecelão. Militante do PC entre os operários da Gávea. Um dos dirigentes da insurreição dos operários de Magé, Estado do Rio, em novembro de 1918.

Teotônio de Sousa Lima, fogueteiro. Combatente de notável devotamento. Pioneiro do Partido Comunista e do Bloco Operário e Camponês em Sertãozinho, Estado de São Paulo. Organizador de sindicatos operários e Ligas Camponesas, em 1925-1929, nas zonas de Sertãozinho, Ribeirão Preto e outras. Batalhador da aliança operária camponesa — fato de grande significação política!

O camarada Astrojildo Pereira, em seu livro *Formação do PCB*, não tem sequer uma única linha sobre êsses e tantos outros lutadores comunistas. Por que silencia a verdade histórica? Por que não faz justiça histórica? Como compreender tamanha conspiração do silêncio?

OS NOVE DELEGADOS. O livro *Formação do PCB* limita-se a citar os nomes dos 9 delegados do 1.º Congresso do PC. Nada mais!

Nada informa sobre suas vidas e lutas. Que fizeram pelo PC? Como lutaram? Mistério...

OS INTELECTUAIS. O Partido Comunista tem o dever de conquistar e educar, política e ideologicamente, os melhores intelectuais do País. É uma questão de princípios!

O Partido Comunista do Brasil chamou a si vários intelectuais que, dia a dia, durante tantos anos seguidos, militaram nas células e organizações do PC e cumpriram tarefas específicas com a maior fidelidade e dedicação.

Paulo de Lacerda foi advogado — fiel à causa até as portas da loucura!

Constâncio Dulci, agrônomo, foi organizador do PC em Campos, Estado do Rio e, por isto, surrado barbaramente.

A obra *Formação do PCB* esquece êsses e outros intelectuais. Como explicar tamanha conspiração do silêncio?

Paulo de Lacerda, militante de 1923 a 1930, só aparece de passagem, na citação do livro de um escritor burguês. Nada mais.

Em contraste, *Formação do PCB* destaca os seguintes intelectuais:

Domingos Ribeiro Filho. Não pertenceu ao PC. Quando anarquista, fez uma vergonhosa declaração pública, renegando as idéias e o movimento revolucionário. Esta declaração foi explorada pela burguesia da época.

Cristiano Cordeiro. Lutou bastante, durante anos, em Pernambuco. Sofreu perseguições. Depois de 1930, abandonou o PC. Não concordou com a linha política infeliz de Revolução Soviética imediata.

Rodolfo Coutinho. Combateu a linha justa — a aliança do PC com os revoltosos pequeno-burgueses de 1922-1927. Não concordou com a decisão final. E abandonou o PC.

Por que *Formação do PCB* silencia êstes fatos? Por que oculta a verdade histórica?

A obra fala sobre Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho. E por que não fala sobre o jornalista Sady Garibáldi e outros intelectuais da época? Por que só menciona de raspão o jornalista Pedro Mota Lima?

Formação do PCB destaca outros intelectuais que são ou foram pessoas excelentes. Mas deixaram de militar nas células e organizações do PC. Não tinham nenhuma tarefa específica. Limitavam-se a atitudes simpáticas, de tempos em tempos, sem espírito de continuidade. Dêste modo, neste terreno, a obra em questão adota a linha menchevista de Márto, contra a linha revolucionária de Lênin!

Segundo Lênin, já em 1903, só pode ser membro do Partido quem reconhece o seu programa, o sus-

tenta no terreno material e milita numa das suas organizações.

Pelo contrário, segundo Márto, basta reconhecer verbalmente o programa e dar um auxílio econômico, para ter o direito de ser membro do Partido. Dêste modo, o Partido deixa de ser um destacamento organizado. Torna-se uma cousa informe, completamente amorfa...

AS MULHERES. O Partido Comunista não pode reforçar-se e consolidar-se sem conquistar e educar, política e ideologicamente, as massas femininas. É uma questão de princípios!

O Partido Comunista do Brasil, por intermédio do Bloco Operário e Camponês, criou no Rio de Janeiro, em 1928, o Comitê Eleitoral das Mulheres Trabalhadoras ou, simplesmente, Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Uma representante feminina tomava parte nas reuniões da direção do Bloco Operário e Camponês, com os mesmos direitos dos outros. Se não me engano, era a camarada Maria Lopes, esposa de um operário metalúrgico. Tudo isto era novo na época.

Este Comitê fez um trabalho importante à porta das fábricas. Aí, pela primeira vez no Brasil, em 1928, em nome do Bloco Operário e Camponês, simples mulheres do povo trabalhador fizeram discursos aos operários, chamando-os à organização e à luta. Entre elas, Maria Lopes e Isaura Nepomuceno, esposa de um operário ferroviário.

O espetáculo era impressionante. No Engenho de Dentro, junto ao portão das oficinas da Locomoção, em 1928, 1.000 e, às vezes, 2.000 trabalhadores paravam para ouvir os oradores e as oradoras do Bloco Operário e Camponês, atacando o imperialismo e defendendo as reivindicações imediatas!

O Comitê das Mulheres Trabalhadoras realizou reuniões nos sindicatos como o dos metalúrgicos. Congregou centenas de mulheres, em 1928. Um aderiram ao Partido Comunista. Outras não assinaram a papeleta de adesão, mas fizeram tudo pelo PC.

O camarada Astrojildo Pereira, em seu livro *Formação do PCB*, tem um capítulo sobre o Bloco Operário e Camponês. Mas esquece totalmente o Comitê das Mulheres Trabalhadoras, criado pelo BOC. Esquece completamente o trabalho feminino. Não cita o nome de uma única mulher, dentre as lutadoras daqueles anos. Imaginará a libertação do Brasil sem as mulheres trabalhadoras? Pretenderá alcançar o socialismo sem as mulheres trabalhadoras?

OS FIGURÕES. O livro *Formação do PCB*, que esconde tantas lutas e tantos combatentes, não esquece os figurões. Quais?

Azevedo Lima. Foi eleito deputado, com o apoio político do Bloco Operário, em 1927. Depois, traiu o Bloco Operário e Camponês, em 1929. Saltou da extrema esquerda para a extrema direita, no correr

BIBLIOTECA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNICAMP

de algumas semanas. Passou a apoiar o triste governo reacionário de Washington Luís. Era um pequeno-burguês troca-tintas, borra-botas, sem linha, sem ideologia!

Maurício de Lacerda. Atacou violentamente o Partido Comunista, em várias ocasiões. Acabou entrando na canoa furada de Getúlio Vargas, em 1930.

Por que a obra citada esconde a verdade histórica? Por que não esquece tais figurões?

AS OMISSÕES. Marx, em *O Capital*, cita inúmeros autores esquecidos e desconhecidos. Dêste modo, o grande Mestre faz justiça histórica!

O camarada Astrojildo Pereira, em seu livro *Formação do PCB*, faz o contrário. Estende a conspiração do silêncio sobre um mundo de fatos históricos, de combates e combatentes. Viola, assim, a linha de Marx, da classe operária!

Esse livro caracteriza-se por toda uma cadeia de omissões, e não por uma ou outra omissão.

Não especifica, de um modo direto e concreto, a influência de Marx, Engels e Lênin sobre a formação e o desenvolvimento do Partido Comunista. Nem a influência da Internacional Comunista e seu papel no Brasil.

Omite ou passa de raspão sobre o trabalho dos comunistas em toda uma série de setores. Onde? Nas células e frações nos sindicatos. A porta das fábricas e oficinas. Nos bairros operários. Nos inúmeros comícios do Bloco Operário e Camponês.

O livro não vive nem evoca a história das células comunistas. Nem a sua organização. Nem a sua atividade. Nem os seus jornaizinhos.

Não explica porque e como o jornal "A Classe Operária" triunfou em 1925.

Não esclarece porque e como o Bloco Operário e Camponês triunfou nas eleições de 1928.

Passa de raspão sobre as perseguições sofridas pelo Partido Comunista.

Para quem viveu dia a dia os combates do PC em 1922-1929, *Formação do PCB* é um livro incrível. Lembra os pequenos esforços das "personalidades" burguesas. Pelo contrário, oculta e silencia os grandes esforços e duros sacrifícios dos operários e intelectuais, na sua luta difícil, desigual e dolorosa, dia a dia, em prol da classe operária e do Partido Comunista!

A obra citada parece um documento típico dos velhos tempos de ilegalidade. Sempre evita citar nomes, inclusive dos comunistas falecidos.

Os casos são inúmeros:

1.º) O camarada Samuel Speisky, pela primeira vez no Brasil, sob a forma de folheto, editou em Pôrto Alegre, em 1924, o imortal *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. É um acontecimento de importância histórica, política e ideológica. Por que *Formação do PCB* silencia a respeito? Em nome de quê? Segredo de Estado?

2.º) Quais os auxiliares diretos do jornal "A Classe Operária"? Quais os pacoteiros e propagandistas diretos nas fábricas e oficinas? Quais as falhas do jornal? Mistério...

3.º) *Formação do PCB* exalta "a luta heróica de A Classe contra a reação policial" — página 73. Canta um hino aos heróis — página 74. Mas os heróis não aparecem. Eram simples homens do povo trabalhador. Não merecem entrar na história oficial, escrita pelo camarada Astrojildo.

4.º) A obra mencionada, silencia os nomes dos membros da direção do PC — a Comissão Central Executiva — enviados para trabalhar como redatores do jornal "A Nação", em 1927. Por quê?

5.º) Silencia os nomes dos membros da Comissão Central Executiva do PC que defenderam a necessidade da aliança do PC com os revoltosos pequeno-burgueses de 1922-1927. Silencia, também, os nomes dos que se opuseram à aliança. Por quê?

6.º) Silencia o nome do secretário sindical da direção do PC. Era Joaquim Barbosa, um artesão-alfaiate. Formou, em 1928, o primeiro grupo fracionista. Instigou uma oposição dentro do PC. Arrastou 48 membros. Desencadeou a primeira luta interna. Tornou-se um *liquidacionista*. Queria liquidar a federação sindical e, de fato, o próprio PC. Pretendia impedir a fundação da confederação sindical.

7.º) Silencia o *liquidacionismo* dessa oposição instigada por Joaquim Barbosa.

8.º) Acentua "a grande vitória" do Partido Comunista e do Bloco Operário e Camponês nas eleições de 1928. Mas silencia os nomes dos dois intendentos comunistas, eleitos pela primeira vez na História do Brasil. Não tinham nome...

Por que estas e muitas outras omissões? Por que esse silêncio total? Não se trata de segredos de Estado. A vitória da "revolução" não ficará ameaçada por essas terríveis "denúncias"...

OS MARXISTAS NO BRASIL. Certas pessoas, com a maior facilidade, fabricam "marxistas" no Brasil, desde priscas eras...

Tenho 50 anos de lutas. Pois bem: antes de 1921-1922, nunca ouvi falar em partidários de Marx no Brasil. Teriam existido?

Na realidade, antes do Partido Comunista, nunca houve, de fato, verdadeiros partidários de Marx no Brasil. Não se pode dar o título de marxista a uma pessoa que lê Marx nas horas vagas e divaga a respeito...

O próprio Marx, desde 1845, nas *Teses sobre Feuerbach*, acentuou: "Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de maneiras diferentes, mas a questão consiste em transformá-lo".

Agora, mais que nunca, trata-se de transformar o mundo. Portanto, o marxismo tem um caráter combatente, militante. O "marxismo" livresco, de gabinete, é uma falsificação!

No movimento operário, até 1920, sob a influência do anarquismo e do anarco-sindicalismo, Marx era confundido com os reformistas e social-democratas.

Existia uma tradução portuguesa, resumida, de *O Capital* de Marx. Mas ninguém a entendia. Falavam aos militantes anarquistas e anarco-sindicalistas os conhecimentos elementares da economia política.

Nos sindicatos dirigidos pelos amarelos, era ainda maior o desconhecimento de Marx.

No livro *Os Intelectuais Progressistas*, o autor destas páginas exaltou Tobias Barreto, Euclides da Cunha e Lima Barreto.

Tobias Barreto, nos *Estudos Alemães*, em 1887, reconheceu em Marx "o mais valente pensador do século XIX, no domínio da ciência econômica". Tais palavras são importantes. Mas não bastam para caracterizar Tobias Barreto como sendo marxista. Aliás, suas raízes ideológicas eram muito outras: Kant & Cia., a mistura de materialismo com o idealismo filosófico.

Euclides da Cunha, em *Contrastes e Confrontos*, em 1904, escreveu uma página brilhante sobre Marx. É importante. Mas foi uma página isolada. Não basta para caracterizar Euclides da Cunha como sendo marxista. Aliás, as raízes ideológicas de Euclides eram muito outras: Comte e Spencer, Buckle e Gumpowicz.

Lima Barreto foi um grande revoltado. Defendeu os operários do Brasil. Manifestou sua simpatia pela revolução socialista na Rússia. Mas suas atitudes não bastam para caracterizá-lo como sendo marxista. Suas raízes ideológicas eram muito outras: Comte e Spencer, Réclus e Kropótkin, Balzac e Dostoiévski.

Infelizmente, Lima Barreto levou uma vida trágica. Procurou uma "saída" no álcool. Tratou de afogar a própria desgraça numa desgraça maior. Tinha crises que o levavam ao Hospício.

A partir de 1919, o autor destas páginas tentou, várias vezes, examinar com Lima Barreto os problemas sociais e nacionais da época. Nunca o encontrou em condições de analisar, discernir e tomar posição.

Agora, vem o livro *Formação do PCB* e, à página 54, assinala sobre Lima Barreto: "tudo leva a crer que tomaria posição a favor do Partido".

Quando? Em 1922, na hora da morte? Onde? No Hospício? No túmulo? Já é idealização!

E os outros intelectuais? Conheci um deles, em 1919, no Rio de Janeiro: tinha *O Capital* de Marx, mas ficou com Avenarius — adepto da reação e do idealismo filosófico.

Os outros intelectuais da época eram, em geral, místicos e reacionários. Ou céticos e pessimistas. Ou embrulhões e confusionistas.

Apesar dos inúmeros esforços dos camaradas, raros intelectuais vieram para o Partido Comunista nos primeiros anos. Eis a realidade!

SILVÉRIO FONTES. O Dr. Silvério Fontes foi um médico sergipano que viveu em Santos, Estado de

São Paulo. Desenvolveu uma atividade bastante progressista. Elogiava Marx. Mas não bastam os elogios.

O camarada Astrojildo Pereira, num artigo de "Novos Rumos", em 1962, caracteriza o Dr. Silvério Fontes como "o primeiro socialista brasileiro de tendência marxista". Cita como "prova" o artigo de apresentação d' "A Questão Social", quinzenário que apareceu em Santos, em 1895.

Ora, exatamente este artigo tem opiniões que *negam Marx*. Por exemplo:

"Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se impõe por uma agitação revolucionária. Desfraldando a bandeira do coletivismo reformista, propõe-se *A Questão Social*, sem paixões, que considera antagônicas a idéia de progresso, a lutar tenazmente para que sejam mais rápidos os efeitos do movimento evolucionista científico" etc.

Este texto prova exatamente que o Dr. Silvério Fontes não era marxista em 1895. Prova que o Dr. Silvério defendia, então, o *oposto do marxismo* — o reformismo e o evolucionismo vulgar!

O marxismo é revolucionário. Não é reformista. Nem separa a lenta evolução da rápida revolução. Uma se desenvolve, acarretando a outra.

É um erro grosseiro ser evolucionista e não ser revolucionário.

Esse texto de 1895 está muito longe das idéias geniais de Marx e Engels, no *Manifesto Comunista*, em 1848. Quarenta e sete anos antes...

Portanto, a "prova" apresentada pelo camarada Astrojildo Pereira é bem frágil. Existem outras?

O camarada Astrojildo, em *Formação do PCB*, página 15, insiste sem provar: o Dr. Silvério Fontes foi "o primeiro socialista brasileiro de formação marxista". Teria aderido ao Partido Comunista em 1922. Mas o camarada Astrojildo, então secretário geral do PC, só "descobriu" este "fato" por intermédio do jornal burguês "Praça de Santos", de 1928... Que embrulhada!

A *UNIÃO MAXIMALISTA. Formação do PCB*, à página 51, diz que a União Maximalista de Pôrto Alegre "contribuiu em larga escala para a fundação do Partido".

Quem contribuiu? A União Maximalista? Ou foi o Burô da Internacional Comunista para a América do Sul?

Na realidade, a União Maximalista não passou de uma pequena seita reunida em 1919 pelo barbeiro sírio Abílio de Nequete — charlatão, covarde e fanfarrão (há provas disto, inclusive na prisão).

A União Maximalista vegetou como seita, sem repercussão, até que se ligou ao grupo comunista do Rio de Janeiro. Depois, Nequete foi expulso do Partido Comunista como traidor. Só então, houve progressos em Pôrto Alegre.

Por que o livro *Formação do PCB* silencia tais fatos? Por que esconde a verdade histórica?

"MOVIMENTO COMUNISTA". A revista "Movimento Comunista", em 1922-1923, teve méritos inegáveis. Publicou materiais sobre o movimento comunista internacional. Era obra, sobretudo, de Astrojildo.

Mas a brochura *Formação do PCB* exagera a importância desta revista quando, numa transcrição, acentua "a profunda influência renovadora" da mesma — página 58.

Na realidade, "Movimento Comunista" era um órgão muito sectário. Girava num círculo estreito. Tinha influência limitada. Vivia de traduções. Em geral, não dava importância ao estudo dos problemas sociais e nacionais do Brasil.

"Movimento Comunista" pretendia transplantar, para o Brasil, prontinhas, a "revolução" mundial e a ditadura do proletariado...

"A CLASSE OPERÁRIA. A brochura *Formação do PCB* reduz o papel do jornal "A Classe Operária" a um trabalho de "pura agitação" — página 74. Portanto, não compreende sua importância.

A verdade histórica é outra.

"A Classe Operária" teve falhas e debilidades. Encontrou grandes obstáculos, a começar por um longo estado de sítio. Apesar de tudo, deixou um marco na História do Brasil e do proletariado.

Desde o seu aparecimento, em 1925, "A Classe Operária" realizou uma obra de pioneiro, batador, abridor de picadas. Impulsionou o desenvolvimento do Partido Comunista e do movimento sindical. Fêz trabalho de propaganda e agitação, de educação e organização. Penetrou desde Manaus e Belém, na Amazônia, até Boa Vista do Erechim no Rio Grande do Sul e Campo Grande em Mato Grosso!

"A Classe Operária" criou uma secção dos correspondentes operários e camponeses. Publicou, em cada número, materiais de colaboração escritos pelos próprios trabalhadores. Penetrou entre os camponeses do interior do Estado de São Paulo, desde 1925.

Muitos comitês de propaganda do jornal transformaram-se em células do Partido Comunista.

Em Juiz de Fora, Minas Gerais, os comunistas, em nome de "A Classe Operária", em 1925, foram às fábricas e oficinas. Foram aos trens, cheios de *congonheiros* — os camponeses peregrinos que iam a Congonhas. Fizeram propaganda entre eles.

Os comunistas de Juiz de Fora estiveram nas fazendas de café nos arredores. Aí falaram aos colonos e jornalheiros ambulantes, e distribuíram materiais de propaganda. Realizaram um comício, em 1925, em nome de "A Classe Operária", dentro de uma fazenda de café, na estação de Retiro, perto de Juiz de Fora. Pregaram a aliança dos camponeses com os operários, e vice-versa. Nesta fazenda, os camponeses assinaram

mensagem de protesto contra o fechamento de "A Classe Operária" pelo governo de Bernardes. O protesto dos camponeses de Minas foi enviado ao Ministro do Interior — o reacionário Afonso Pena Júnior.

Tal a verdade histórica!

NO 2.º CONGRESSO. O 2.º Congresso do PC, em 1925, aprovou teses.

Formação do PCB limita-se a expô-las de um modo fragmentário. Não faz análise. Nem, também, uma crítica positiva, fecunda, construtora.

Diz sobre elas, à página 66: "resultavam de uma aplicação mecânica e arbitrária do método dialético na análise da situação brasileira". É uma frase de caráter geral. Não concretiza. O livro escapa pela tangente.

O camarada Astrojildo foi o autor dessas teses. Agora, menospreza-as. Como que pede desculpas por tê-las escrito. Arrasa-as como um nihilista. Lembra o nihilismo de Machado de Assis — o mestre perene do nosso camarada...

"A NAÇÃO" E LEÔNIDAS DE RESENDE. Leônidas de Resende foi um jornalista combatente e progressista. Desmascarou a reação. Sofreu perseguições. E, sobretudo, prestou um serviço importante ao PC: entregou-lhe o jornal diário "A Nação", em 1927.

A brochura *Formação do PCB* reconhece a influência de Comte sobre Leônidas de Resende. Mas, à página 75, acentua sobre ele: "aproximou-se resolutamente das posições revolucionárias do marxismo-leninismo".

É um exagêro. Não esclarece a verdade histórica, com a devida e necessária nitidez.

Leônidas, apesar de suas qualidades inegáveis, nunca militou no movimento operário. Daí, uma série de falhas. Era um ideólogo de gabinete. Mistura eclética. Nêle, havia muito de Comte e pouco de Marx. Queria conciliá-los. Não conseguiu digerir Marx. Seu "marxismo" era livresco.

Desorientado por essa impossível conciliação ideológica, Leônidas escreveu de antemão, na vida clandestina, dezenas de longos artigos indigestos, que ia publicando cada dia. Subestimava a significação da classe operária. Perdia-se em ataques personalistas ao ex-Presidente Bernardes e a outros políticos.

Estas e outras falhas prejudicaram "A Nação". Criaram dificuldades na prática. Provocaram choques internos, com os camaradas que não admitiam a conciliação de Marx e Comte!

O BLOCO OPERÁRIO E CAMPONÊS. O Bloco Operário nasceu em 1927. Transformou-se em Bloco Operário e Camponês em 1928.

Era uma organização legal de massas. Tinha como base cerca de 60 comitês organizados nos sindicatos, fábricas, oficinas, bairros operários e nos Estados. Exerceu influência por toda parte. Elegeram dois intendentos (vereadores). Defendeu as reivindicações dos trabalhadores. Sustentou as greves como a dos gráficos de São Paulo e a dos trabalhadores em padarias no Rio de Janeiro, em 1929. Apoiou os comícios e os movimentos dos operários. Sempre foi dirigido pelo Partido Comunista.

Infelizmente, o BOC teve falhas e debilidades. Substituiu o PC ilegal. Parecia um partido, e não um bloco. Foi sendo sectarizado em 1929-1930. Um dos seus erros graves foi a *subestimação* dos camponeses — os melhores aliados da classe operária.

Esta subestimação vem desde o nascimento do PC.

Apesar de tudo, o Partido Comunista, já nos primeiros anos, lançou um manifesto "Aos 9 milhões de trabalhadores do interior do Brasil". Publicou-o no jornal "Voz Cosmopolita" e em avulso. Lançou no jornal "1.º de Maio", em 1926, um programa de reivindicações não somente para os operários industriais e agrícolas, mas também para os lavradores sem terra.

Apesar de tudo, o Bloco Operário e Camponês lançou a idéia da *aliança política dos operários com os camponeses, e vice-versa*. Semeou esta idéia no seio dos trabalhadores urbanos e rurais. Abriu, assim, vasta perspectiva política para o futuro do Brasil. Aproveitou a penetração feita anteriormente pelo jornal "A Classe Operária", no meio dos camponeses, desde 1925.

Militantes do Partido Comunista e do Bloco Operário e Camponês como o camarada Teotônio de Sousa Lima penetraram nas fazendas de café do Estado de São Paulo. Aí, fizeram agitação e propaganda. Distribuíram jornais, folhetos e manifestos. Falaram aos camponeses. Levantaram suas reivindicações. Organizaram Ligas Camponesas no interior de São Paulo, nas zonas de Sertãozinho, Ribeirão Preto e outras. Organizaram marchas de camponeses das fazendas de café às cidades vizinhas como Sertãozinho. Aí, os camponeses fraternizaram com os operários dos sindicatos, e vice-versa.

O Bloco Operário e Camponês, por intermédio dos dois intendentos comunistas, realizou outras tarefas. Foi aos camponeses do Sertão Carioca. Levantou reivindicações camponesas. Defendeu os semi-servos de Granjas Reunidas, Minas Gerais, que não tinham sequer o direito elementar de livre locomoção. Visitou os operários agrícolas das usinas açucareiras de Campos, Estado do Rio, chamando-os à organização e à luta. Procurou uma delegação dos índios Terenos, de Mato Grosso, que tinha vindo ao Rio de Janeiro, protestar contra o esbulho das suas terras por um latifundiário da família Rondon. Sustentou esse protesto dos índios, pela tribuna do Conselho Municipal.

Podemos e devemos fazer a autocritica, reconhecendo que tudo isto é insuficiente. Mas é algo.

* * *

Agora, surge um caso profundamente estranho: o ex-secretário geral do Partido Comunista nega fatos da vida e luta do Partido Comunista e do Bloco Operário e Camponês!

A brochura *Formação do PCB* afirma: "o BOC jamais penetrou nos campos" — página 126. "O elemento "camponês" representava apenas uma palavra incluída no BOC" — página 102.

Esta "crítica" é niilista. Arrasa tudo. Nega tudo. Afirma, sem prova, exatamente o oposto da verdade histórica. Nega os tremendos esforços e duros sacrifícios dos comunistas como Teotônio de Sousa Lima. Como negar tais fatos? Como é possível que o secretário geral do PC ignore tais fatos?

A CONCEPÇÃO DA HISTÓRIA. O camarada Astrojildo Pereira alega que não se trata de um livro de história. Diz que são "simples apontamentos" — página 9. Na realidade, trata-se de um livro de história — falho e omissos.

Na orelha da capa, um desconhecido acentua que Astrojildo tem "a maestria de um autêntico historiador" escreve história, e não apenas simples apontamentos.

Infelizmente, o autor de *Formação do PCB* não tem uma concepção clara da História. Desconhece as etapas do processo do desenvolvimento do Partido Comunista. Não mostra o necessário encadeamento histórico, político e ideológico. Limita-se a dados esparsos, com uma ligação meramente cronológica. E, mesmo assim, aos pulos, aos saltos!

O autor diz à página 11: "o Partido marchou sempre para a frente". Isto é exato do ponto de vista *histórico geral*. Mas a marcha não é assim fácil. O autor esquece os desvios, os recuos, os retrocessos, como em 1930, sob a influência da falsa linha política de Revolução Soviética imediata.

O livro ora exalta o PC e o BOC, ora os arrasa como um niilista. Dêste modo, o autor cai em contradições grosseiras. Não analisa a vida e a luta reais.

O Partido Comunista aparece desligado da vida e da luta, isolado dos seus militantes e combatentes. Torna-se uma entidade abstrata, categoria metafísica. Realiza por si mesmo, sem auxílio de ninguém, cousas incríveis. Chega a traduzir o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels...

O autor da brochurinha confunde a História com uma coletânea de velhos documentos, de notas e artigos avulsos, de datas diversas. Um dos artigos foi escrito há 10 anos. Outro, há 15 anos.

O autor sobrecarrega o texto com longas transcrições de velhos documentos, de velhas teses, notícias e resoluções. Não concretiza o fundamental —

como tudo isto se corporificou na vida e na luta, na prática e na realidade.

Tais documentos deveriam ir para a parte final, em anexo. O texto é feito para análises históricas. Não é feito para transcrições de velhas notícias e resoluções!

A *ANÁLISE*. Já é tempo de iniciarmos a análise crítica, política e ideológica da história, vida e lutas da classe operária e do Partido Comunista do Brasil.

Infelizmente, os materiais que a brochurinha *Formação do PCB* apresenta, não permitem que se faça a análise séria e concreta do Partido Comunista em 1922-1929.

Uns vêm no PC apenas indivíduos. São individualistas pequeno-burgueses. Mordem facilmente o anzol do culto à personalidade. Outros vêm no PC apenas uma entidade abstrata, formada por indivíduos amorfos, incaracterísticos, que nada representam. São dois desvios. Duas desgraças!

Em *Formação do PCB*, o Partido Comunista aparece, de fato, como uma seita burocrática que fabrica resoluções. Ora, o Partido Comunista tem de ser e aparecer como um todo vivo, um conjunto real, uma coletividade concreta, formada por militantes, combatentes, cada um com sua personalidade, em harmonia com a coletividade que vive, que luta, que palpita!

Formação do PCB, às páginas 52 e 53, faz uma referência à luta ideológica e à atuação do PC pela unidade sindical, nos primeiros anos. Mas não menciona os fatos concretos que o comprovem.

A obra mencionada faz longas transcrições das teses do 3.º Congresso do PC. Quando chega a hora de iniciar a análise, diz: "Tudo esquemático, como se vê" — página 120. Diz também que se trata de uma "confusa mistura esquemática e sectária" — página 121. Isto não é análise. São chavões, frases feitas!

O capítulo sobre autocrítica, páginas 136-140, é negativista. Exagera. Carrega nas tintas. Está em contradição com o último capítulo. Este cita certos fatos positivos do PC e responde a "críticas" totalmente absurdas e negativistas, segundo as quais, em tantos anos, "o PC nada fez..."

O livro resume a atividade do PC em 1924-1928, numas tantas frases sobre as "falsas concepções dominantes no Partido" — página 113. Dêste modo, faz uma "análise" muito fácil. Na realidade, esquece as lutas, os esforços e as tentativas dos comunistas para encontrarem o caminho da revolução.

A brochura, à página 140, reduz a vida do PC "a uma permanente oscilação entre o verbalismo "revolucionário" de esquerda e o oportunismo de direita na prática". Suprime, pois, as lutas, os esforços, as tentativas e os combates. Isto não é análise. É niilismo!

Diz à página 138 que a atividade do PC era "empírica, descontínua, meramente praticista, espontaneísta e burocrática". Isto não é análise. É um chavão niilista.

Se fôsse assim, o Partido Comunista não teria travado lutas. Nem conquistado duras vitórias. Nem conhecido nenhuma ascensão. Teria vegetado miseravelmente como uma seita ridícula!

Na realidade, o PC teve lados positivos e lados negativos. A análise de tudo isto ainda está por ser feita.

CONCLUSÃO. Todos êstes fatos e argumentos provam que é necessário:

1.º) Estudar, com tóda a amplitude e profundidade, a verdadeira História do povo brasileiro, da classe operária e do Partido Comunista do Brasil — a História real, inspirada na verdade e na justiça históricas.

2.º) Extrair dêsse estudo os necessários ensinamentos, em vista das batalhas no presente e no próximo futuro!